

ENTREVISTA COM PROFESSOR LUIZ GONZAGA FALCÃO VASCONCELLOS¹

Eduardo Henrique Freitas Braga
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
eduardohfreitasbraga@gmail.com

Thiago Oliveira Neto
Universidade de São Paulo - USP
thiagoton91@live.com

Aceito: 14/07/2020
Recebido: 31/05/2020

APRESENTAÇÃO

**Itinerários e percursos geográficos: 48 anos aprendendo e fazendo geografia:
1970-2018.**

Luiz Gonzaga Falcão Vasconcellos, conhecido como Falcão Vasconcellos, nasceu no dia 28 de junho de 1947, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, filho de Maria Magdalena Falcão Vasconcellos e de Sebastião Barroso Vasconcellos, sendo pai de Maíra Cesar Vasconcellos (Manaus, 17.01.1979), Maitê Cesar Vasconcellos (Niterói, 08.05.1980), Polyta Silva Azevedo (Manaus, 15.01.1983) e Txapuã Silva Vasconcellos (Manaus, 22.12.1987), e avô de Rafael Floresta (26.06.2011), Sofia (01.02.2012), Laís 12.03.2014, e Rudá 05.06.2016.

Bacharel e licenciado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense - UFF (1974), é geógrafo urbanista e professor universitário, tendo iniciados suas atividades como professor em agosto de 1970, e desde agosto de 1974 é docente do ensino superior.

Bacharel e licenciado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense - UFF (1974), é geógrafo urbanista e professor universitário, tendo iniciados suas atividades como professor em agosto de 1970, e desde agosto de 1974 é docente do ensino superior.

Em março de 1978 foi admitido por seleção, como docente na Universidade do Amazonas, a qual posteriormente passou a ser denominada Universidade Federal do Amazonas - UFAM, onde atuou até 1987, tendo integrado a equipe responsável pela elaboração do projeto e implantação dos cursos de licenciatura em Geografia e História.

Desde 1987 é professor da Universidade Federal de Uberlândia - UFU / Instituto de Geografia, tendo sido coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO e do Laboratório de Geografia e Educação Popular - LAGEPOP (2012 / 2013), e desde 06 de junho de 2015 é coordenador deste último.

É pós-graduado em nível de mestrado na Área de Geografia e Gestão do Território (2014) - Programa de Pós Graduação em Geografia / Instituto de Geografia da Universidade Federal

¹ Entrevista realizada pela Internet, no dia 14.11.2018 – Manaus / AM e Uberlândia / MG. Texto da entrevista foi revista pelo entrevistado, no período de março a maio de 2020.

de Uberlândia; em Planejamento Urbano (1750 horas) pela Escola Nacional de Serviços Urbanos - ENSUR / Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM (1976) - Rio de Janeiro, com defesa pública de Trabalho de Conclusão sobre o Município de Taquari – RS, e em Geografia Humana pelo Departamento de Geografia / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo - USP (1981).

Tem experiências nas áreas de Geografia Urbana, Planejamento e Gestão Municipal e Urbana Participativa e Desenvolvimento Local. No âmbito da pesquisa e da extensão, trabalha principalmente com as seguintes temáticas: cidade, urbano, planejamento municipal e urbano, urbanização e geografia e cultura. Nos últimos vinte e cinco anos tem também atuado em questões ligadas a refletir e estudar sobre a contribuição da Geografia no âmbito da Educação, notadamente a Educação Popular, tendo sido um dos responsáveis pela criação do Laboratório de Ensino de Geografia - LEGEO, e do Laboratório de Geografia e Educação Popular - LAGEPOP, no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

É autor em parceria com a geógrafa Claudia Maria de Freitas, do Livro “A Cidade e o Urbano em Verso e Canção, editado em 2002.

Fruto de um projeto desenvolvido entre 2001 e 2008, organizou e é um dos autores, com Lucimar Bello Pereira Frange, o Livro “oficina de Desenho Urbano: desenhando e construindo a cidade no cerrado”, com duas edições, uma em papel, e outra em CD, respectivamente em 2002 e 2004.

Organizou e é um dos autores, com Humberto Eduardo de Paula Martins, o Livro Vídeo “Planejamento Municipal e Desenvolvimento Local: Plano Diretor participativo de Nova Ponte, editado em papel e DVD, no ano de 2008.

É um dos organizadores e autores do Livro Áudio "Uberlândia: Tecendo Saberes Populares (2011 - PROEX / UFU).

Organizou com Adriany de Ávila Melo Sampaio, e é um dos autores do livro "Geografia e Anos Iniciais do Ensino Fundamental", editado em 2012 pela Editora CRV, de Curitiba - PR.

Em 2014 concluiu a pesquisa intitulada "Itinerários Geográficos: Pensando e Refletindo", objetivando analisar rediscutir trabalhos seus, em termos de contribuição para o conhecimento geográfico, especialmente quanto temática da Geografia e suas inter-relações com a Educação, o Município e a Cidade - Urbano. O resultado dessa pesquisa, desenvolvida sob a orientação da Professora Doutora Adriany de Ávila Melo Sampaio constituiu-se na dissertação de mestrado defendida e aprovada com louvor em 2014, tendo sido recomendada a publicação dos seus capítulos 1, 4 e 5 pelas suas relevantes contribuições para o Ensino de Geografia. A banca também reconheceu que a qualidade do trabalho defendido o credenciaria para ser submetido e defendido na condição de tese de doutorado. Em termos mais específicos, os capítulos recomendados para publicação buscaram pensar e refletir sobre "Geografia, Município, Cidade - Urbano e Educação"; sobre "Cidade(s), Cidades na Cidade: palcos, cenário. enredos...", e, sobre "Saberes em conexões: interdisciplinaridades".

No momento em que a presente entrevista é revisada (abril de 2020), coordena no âmbito do Laboratório de Geografia e Educação Popular LAGEPOP – (Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia -UFU), a finalização do Projeto do Curso de Especialização em Formação de Educadoras e Educadores Populares Tiago Adão Lara, o qual terá a duração de três semestres letivos, será gratuito e, deve ter início no segundo semestre letivo de 2020. A elaboração do referido Projeto, sob sua coordenação, juntamente com as professoras Adriany de Ávila Melo Sampaio e Camila Lima Coimbra, envolve profissionais de diversas áreas, entre docentes e técnicos da UFU, e da comunidade externa, incluindo além de Uberlândia, outras cidades.

ENTREVISTA

E: Eduardo Henrique Freitas Braga
T: Thiago Oliveira Neto
F: Falcão Vasconcellos

E: [...] de início Falcão, pedimos que você se apresente e fale um pouco de como surgiu o seu interesse pela Geografia.

F: Nasci em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 28 de junho de 1947. Estou no mundo do trabalho desde 1962, portanto exerço atividades laborais há 56 anos, sendo 48 anos aprendendo e fazendo Geografia.

F: Socialmente sou de uma família, que nos meus tempos de criança era identificada como “remediada”. Éramos muitos, meus pais, seis filhas e dois filhos. Minha mãe, filha mais velha, também de uma família grande, era originária do distrito de Monera, município de Duas Barras (RJ), e meu pai filho mais velho de numerosa família, nasceu no Município de Bicas (MG). Ambas famílias se mudaram para Niterói, e eles se conheceram e casaram-se em agosto de 1936. Minha mãe e meu pai, eram pessoas modestas, simples e de poucos recursos. Ela sempre responsável pelos duros e intermináveis trabalhos domésticos, e ele engenheiro, sempre trabalhando seja na construção civil ou em várias outras atividades.

F: Na juventude, entre os meus 17 a 20 anos, no decorrer dos três primeiros anos da Ditadura Militar, após o golpe civil militar de 1964, momentos difíceis, em termos de liberdade e pensamento, convivi muito intensamente com alguns amigos, entre eles, um chamado Rui Erthal, geógrafo e professor.

F: O Rui, um pouco mais velho que eu, era formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tinha trabalhado no IBGE e atuava como professor na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, Ele foi quem influenciou no meu caminho para a Geografia. Dialogando e aprendendo com ele pensei, “o meu mundo é a geografia” e mesmo tendo que trabalhar muito, estudei sem fazer cursinho e por conta própria, para o vestibular, junto com outro amigo, o Jacinto (de Viçosa - MG), que era bancário e trabalhava em Niterói. Entre fins de maio e inícios junho de 1970, fiz vestibular para Geografia, em plena Copa do Mundial de Futebol, e tinha prova discursiva de Geografia. Fiz essa prova em pleno horário do Brasil X Inglaterra, no prédio da Reitoria da UFF.

F: Iniciei meus estudos no Curso de Geografia em agosto de 1970, quando comecei a aprender e fazer Geografia. Com um pé, entrei na sala de aula do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, e com outro pé, em sala para

lecionar Geografia, nos Primeiro e Segundo Graus da educação básica. Assim, a Geografia passou também a fazer parte de minha atuação profissional. Lecionei em cursinho e escolas particulares, nos tempos de universitário. Nesse período em que fazia o curso (1970 / 1974), o Brasil vivia os anos mais violentos da ditadura militar, tendo como ditador presidente o General Emílio Garrastazu Médici (1969 / 1974). Na época minha formação política era muito insipiente, tendo iniciado minha formação política pouco tempo antes de ingressar na universidade, através de grupos de jovens católicos em duas paróquias de Niterói (Nossa Senhora Auxiliadora e Santuário Nacional das Almas). Isso em muito ajudou na minha formação como cidadão e profissional.

Ainda sobre o período em que cursei Geografia, este foi um tempo muito sombrio e pesado, com recrudescimento de todo tipo de censura e perseguições políticas, incluindo muito especialmente os espaços da universidade, tudo sob o comando da ditadura e égide do Estado brasileiro. Nessa época o aparato repressivo foi aprimorado, ao tempo em que a tortura de prisioneiros políticos se ampliou e tornou mais cruel. Ao mesmo tempo, recrudescer a resistência e luta armada urbana, sendo que em 1971 aconteceu o assassinato político de Carlos Lamarca, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, e importante combatente, que pensou essa forma de resistência à Ditadura Militar instaurada em 1964.

E: Então sua formatura aconteceu em julho de 1974, pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense.

F: Sim, e já em agosto do mesmo ano, ampliando minha atuação no ensino, passei a lecionar na FACEN, Faculdade do Centro Educacional de Niterói.

E: Você pode falar um pouco sobre como era Geografia brasileira acadêmica naquela época? Quais eram as linhas teóricas predominantes? Quem foram os seus professores?

F: Um professor muito reflexivo e embasado, cuja referência marcou meus tempos de graduação foi Eraldo Mesquita Souza, tendo sido o único que ousava a fazer certas discussões de caráter socioambiental e políticas, naquele período. No mês passado, mesmo sem nunca mais ter tido qualquer contato com ele, me lembrei muito disso quanto a postura que mantinha, de resistir sutilmente ao cerceamento da liberdade de docência, me levou a compartilhar e subscrever e dedicar a ele uma postagem do professor Jones Dari Göettert, da Universidade Federal da Grande Dourados (MS) no Facebook, em homenagem ao dia do Professor. Ele, além de ser docente na Geografia da UFF, lecionava também em uma renomada escola, o Centro Educacional de Niterói, e por curiosidade, anos depois foi professor de uma das minhas filhas no ensino do primeiro grau. Posteriormente parece que deixou a UFF, foi lecionar no liceu Nilo Peçanha, integrante da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, localizado em Niterói.

F: Anda sobre a graduação, de maneira geral minha formação nessa época foi marcada por uma visão geográfica humanista, sendo que tínhamos professores mais velhos, e boa parte deles do Rio de Janeiro, alguns ligados ao IBGE, os quais de maneira geral atuavam em uma linha mais tradicional da Geografia, com destaque para posturas “possibilistas”.

F: É importante registrar que nos tempos de graduação, lado a lado com a falta de liberdade acadêmica em termos políticos e culturais na vida estudantil universitária, busquei junto com alguns colegas, caminhos alternativos à dinamização de nossas atividades e ampliação das reflexões. Existia então no Instituto de Geociências, uma entidade civil inclusive com personalidade jurídica, conhecida como “CEG - Centro de Estudos Geográficos” (tendo sala própria para funcionamento), e criada anos antes, para receber recurso financeiro da Fundação Calouste Goubenkian (Portugal), com vistas a adquirir equipamentos didáticos acadêmicos (aparelhos diversos, etc.) para o curso de Geografia da UFF. Essa situação sempre nos pareceu muito estranha, pois havia nos arquivos documentação disponível sobre o caso, e apenas tinha-se relatos orais de uma ou outra pessoa sobre o assunto, mas nunca se soube a realidade da história.

Em tempo, esclareço que o CEG, nunca se vinculou institucionalmente a UFF, que à época tinha em sua estrutura o Centro de Estudos Gerais, também conhecido como CEG. Uma curiosidade é que, por causa de duplicidade de siglas, chegamos a ser muito pressionados pelas autoridades universitárias a trocar o nome do nosso CEG.

Nos organizamos, pleiteamos e assumimos a direção do CEG. Daí em diante promovemos uma série de eventos, como discussões abertas, palestra, minicursos, etc. Lembro bem, que tivemos a ousadia de convidar o grande mestre, geógrafo Orlando Valverde para proferir palestra sobre a Amazônia Brasileira e a Cobiça Internacional, ele além de ter sido pesquisador que atuou no IBGE, também professor da Escola Naval da Marinha Brasileira (Rio de Janeiro). Ele um grande nacionalista, e defensor intransigente da Amazônia para os amazônidas e brasileiros, tendo feito publicado vários estudos sobre a região, escreveu algumas dezenas de obras, e à guisa de ilustração cito os livros “A Rodovia Belém Brasília – estudo de geografia regional (1967) em coautoria com Catharina Vergolino Dias; e “Grande Carajás: planejamento da destruição” (1989). Orlando Valverde mesmo sendo um ardoroso defensor da soberania nacional, não era bem visto e até hostilizado por setores da ditadura militar.

F: Na graduação lembro também que tive uma professora, a Satiê Mizubuti, que se posicionava de forma mais aberta em suas aulas, mantendo diálogos e debates sobre temas da disciplina, como foi o caso da Geografia Econômica. Interessante é que, anos depois ela foi vereadora em Niterói pelo PDT (1989 / 1992).

F: De maneira geral, o Curso de Geografia da UFF, mesmo quanto as disciplinas da área da Geografia Física, tinha mais influência da Geografia Francesa, e algumas referências que consigo lembrar foram, Yves Lacoste, Jean Tricart, Pierre George,

Bernard Kayser e Jacqueline Beaujeu-Garnier. Um registro importante, é que nessa época começou a surgir a partir do IBGE, a Geografia Teorética ou Quantitativa, ou pragmática.

F: Na realidade, a partir das referências da graduação, que foram muitas, fui aprendendo e fazendo Geografia ao mesmo tempo. Eu comecei a lecionar Geografia ao mesmo tempo em iniciei o primeiro período do curso, isso em agosto de 1970. Estudávamos a tarde e havia também uma turma à noite, cujo início do curso se dava em março. Éramos uma turma constituída em sua grande maioria por mulheres, boa parte de classe média, que moravam no Rio de Janeiro.

A partir daí fomos nos formando, sendo muito difícil fazer discussões mais ampliadas e abertas, especialmente sobre as realidades socioambientais brasileiras. De qualquer maneira, entendo que tivemos oportunidade de realizar trabalhos importantes, e lembro de um que fiz com colegas sobre processo de libertação de algumas das antigas colônias portuguesas na África, sob a orientação de um docente, que salvo engano era militar da Marinha, rígido, conservador e reacionário. Por outro lado, ressalto que ele era um professor excelente. Lembro também de uma prova que fiz na disciplina Geografia Regional, e questionei a atuação do governo federal na Região Centro Oeste, e ele simplesmente não gostou, e me admoestou. Uma outra coisa que não esqueço foi a manifestação do professor, saudando em sala de aula, o golpe militar no Chile, acontecido em 11 de setembro de 1973, que teve a frente o general Augusto Pinochet, depondo o presidente Salvador Allende, e instaurando feroz uma ditadura.

E: [...] quanto ao professor Eraldo Mesquita Souza da UFF, que você citou anteriormente, gostaria de tecer mais alguma consideração sobre o papel dele naquela época?

F: Voltando ao Professor Eraldo, conforme disse, ele tinha uma discussão mais aberta, era uma pessoa mais jovem que os demais docentes, comparecia às aulas com roupas esportivas sandália de couro. Isso era muito contrastante para a época, assim como a atitude dele sempre se dispor a conversar com os/as discentes após o horário das aulas. Friso ainda, que em no decorrer de suas explicações dos conteúdos das disciplinas, eram correntes discussões articulando teoria-realidade isso não acontecia no geral quanto a atuação dos demais docentes, o que acabava por colocar em destaque a atuação do Eraldo. Quanto a prática docente atuação dos demais, o que se tinha no meu entender, era uma atuação mais focada uma pretensamente em perspectiva “teórico técnica” preconizando na abordagem, o conjunto, o todo, o que é muito ruim quando se trata da Geografia.

E: Então queremos agora entrar nesse assunto, pois sua colocação veio exatamente ao encontro da nossa próxima pergunta. Já que você falou do Professor Eraldo, entendemos que ele tinha uma certa leitura crítica em meio a todo aquele contexto da ditadura à época...

T: A pergunta é, já se tinha uma leitura crítica ou mesmo marxista dentro desse contexto e existiam movimentos ou aspirações entre professores e/ou estudantes, para o que viria a ser em termos de discussões e rumos no III ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, acontecido em julho de 1978 na cidade de Fortaleza – CE?

F: Minha formatura aconteceu em julho de 1974, e à época não havia absolutamente nada na Geografia da UFF, nesse sentido da pergunta. Como aluno trabalhador eu não tinha condição de participar do movimento estudantil. Lembro que uma vez organizei um evento através do CEG -Centro de Estudos Geográfico, e convidei algumas pessoas do governo federal para discutir a questão do “mar territorial brasileiro”, entre outros temas, ao mesmo tempo em que, naquela época o movimento estudantil era muito reprimido que havia em termos de perseguição e repressão à direção e militância do movimento estudantil. Eu não tinha envolvimento maior com a vida estudantil na universidade, já que nos turnos da manhã e da noite eu estava sempre no trabalho em vista da minha subsistência.

Assim, foi aos poucos que eu fui me formando numa perspectiva mais ampla, cidadã e política, especialmente a partir do grupo de jovens que citei anteriormente. Um grupo diversificado em termos de estudos e atuação profissional, e seus participantes de setores das classes médias no geral. Em julho de 1974 quando eu terminei a graduação, aconteceu o III Congresso Brasileiro de Geógrafos, do qual e não pude participar, e em termos de articulação profissional no campo da Geografia, só fui começar a me inserir a partir de 1976.

T: Esse Congresso de 1974 foi em Belém no Pará?

F: Sim, em 1974 aconteceu o III Congresso Brasileiro de Geógrafos, em Belém – PA. Dele não participei por questões financeiras, pois morava em Niterói. Somente em 1976 comecei a participar dos eventos, e com muito sacrifício financeiro fui a Belo Horizonte para o II ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, que aconteceu no campus Pampulha, da UFMG.

T: Fale um pouco de como se deu sua atuação profissional, desde sua formatura em julho de 1974, até julho de 1978, quando aconteceu o III ENG- Encontro Nacional de Geógrafos (Fortaleza – CE), um histórico evento do qual tive oportunidade de participar.

T: Você foi admitido aqui na UFAM, antiga Universidade do Amazonas em março de 1978 como professor, e participou da elaboração do Projeto dos cursos de Geografia e História, tendo atuado na implantação do primeiro. Como foi sua chegada ao Amazonas, e presença e atuação na criação e os primeiros anos do curso de Geografia na Universidade do Amazonas, hoje UFAM?

E: Por que você desejou viver em Manaus?

F: Bom, isso foi uma experiência e vivência extraordinária, antecedida pela minha primeira pós-graduação. O curso de pós-graduação, com bolsa de estudo por parte do governo federal (Ministério do Planejamento / SAREM – Secretaria de Articulação com Estados e Municípios, foi uma oportunidade ímpar, em termos de aprendizado e formação teórico prática, e foi com seu término que surgiu o caminho para eu chegar a Manaus. A pós-graduação denominava-se VI Curso de Metodologia e Projetos de Desenvolvimento Urbanos, conhecido como - CEMUAM, oferecido pela Escola Nacional de Serviços Urbanos – ENSUR, integrante do Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM, no Rio de Janeiro. Do Curso participaram profissionais de todo o Brasil e alguns da América Latina. Uma especialização para a qual havia seleção em termos de prova escrita, análise de currículo e entrevista. Foi realizada em tempo integral no período entre setembro de 1975 e abril de 1976, com 1750 horas de atividades, e trabalho de conclusão apresentado e defendido publicamente em Porto Alegre – RS. A fase final do curso foi em equipe (geógrafo, arquiteto, economista, assistente social, estatístico e advogado), no município de Taquari – RS, onde realizamos a prática durante aproximadamente três meses, tendo havido mais duas ou três equipes em outros municípios.

A Coordenadora do Curso chamava-se Adina Mera, uma arquiteta urbanista argentina, radicada no Rio de Janeiro, a qual era muito exigente, e orientava as atividades permanentemente nessa fase de campo. Em Taquari, articulamos com as autoridades e a sociedade, instalamos nosso gabinete de trabalho e desenvolvemos as atividades, cujos resultados apresentamos posteriormente na sede da SUDESUL – Superintendência de Desenvolvimento do Sul, em Porto Alegre. Aqui não posso deixar de registrar o quanto profissionalmente a Adina Mera foi importante em minha formação, especialmente em termos de planejamento municipal urbano.

Durante o curso, me tornei amigo de um colega, com o qual tenho relação até hoje, o Ari (Aristóteles), que é arquiteto, e decidiu ir para Manaus, influenciado por outro colega no curso e também amigo nosso, que trabalhava no Prefeitura Municipal de Manaus. Em Manaus, o Ari foi contratado ICOTI - Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal, órgão do governo amazonense que hoje não existe mais. Em seu trabalho, ele viajava muito pelo interior, e durante seus primeiros tempos em Manaus fomos conversando algumas vezes, e daí reavivou um sonho antigo que eu acalentava desde os tempos de faculdade, viver por uns tempos em alguma parte Amazônia, e mesmo trabalhar junto a povos indígenas. Conversa vai, conversa vem, o Ari se dispôs a articular trabalho para que eu pudesse ir viver em Manaus, e no segundo semestre de 1977 a ideia começou a tomar corpo, se concretizando em novembro, quando me mudei para a cidade com a intenção de ficar uns dois anos, e acabei ficando lá por praticamente uma década. Fui contratado como geógrafo pelo governo do estado, através da CODEAMA - Comissão de Desenvolvimento do estado do Amazonas, pertencente a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral - SEPLAN, sendo que a CODEAMA posteriormente passou a denominar-se Centro de Desenvolvimento Pesquisa e Tecnologia do Estado do Amazonas. Lá elaborei o Projeto, e implantei o primeiro órgão ligado ao “meio ambiente” do estado,

o NUPREMA, Núcleo de Controle e Preservação do Meio Ambiente, o qual coordenei em seu primeiro ano de funcionamento, tendo desenvolvido entre outras atividades projeto sobre arborização, áreas verdes e conforto ambiental na Cidade de Manaus. Quanto ao NUPREMA, é interessante que passados tanto anos, aparece menção indireta a ele na página do IPAAM (<http://www.ipaam.am.gov.br/a-instituicao/>), a qual diz o seguinte: “As atividades de controle ambiental no Estado do Amazonas iniciaram em 1978, na Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral – SEPLAN, executadas pela Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas – CODEAMA”.

F: Reforçando, cheguei em Manaus no mês de novembro de 1977, e passados três meses eu já tinha conseguido me adaptar razoavelmente as realidades locais, e elaborar os mais diversos desafios, seja quanto as culturas, hábitos alimentares, relações sociais, etc., e ir travando relações naquele imenso e distante-próximo mundo, em relação ao onde nasci e vivi por 30 anos.

F: No meu quarto mês em Manaus tive oportunidade participar de uma seleção interna para docente no ICHL, Instituto de Ciências Humanas e Letras da UA, hoje UFAM, sendo contratado em tempo parcial de 20 horas de atividades, uma vez que naquela época essa era a forma de contratação. Inicialmente lecionei no Curso de Estudos Sociais (Licenciatura Curta), e também lecionei a disciplina Geografia Humana no Cursos de Serviço Social e Administração, entre outros, cujo nome não me lembro. Assumi o trabalho na UA – Universidade do Amazonas com entusiasmo e dedicação, me orgulhando por de pertencer ao velho e valoroso ICHL, situado à época na Rua Emílio Moreira, desenvolvendo minhas atividades no Departamento de Ciências Sociais. Assim, fui tocando os trabalhos nas duas instituições e buscando organizar minha vida na cidade, passando a assumi-la também como “minha terra”.

E: Destacando a questão do surgimento e implantação do Curso de Geografia na Universidade, qual foi o primeiro quadro de professores? Como vocês pensaram em termos de disciplina, em termos de pesquisa, essa organização inicial do curso?

F: Bom, não dá para responde de chofre essas questões. No Departamento de Ciências Sociais, só havia o famigerado Curso de Estudos Sociais, que em geral não era oferecido nas universidades federais, sendo também a época oferecida na Universidade Federal de Uberlândia, onde posteriormente passei a trabalhar. Desde o início ajudei firmemente a extinção desse arremedo de formação que era o Curso de Estudos Sociais, que afrontava contra o conhecimento geográfico e histórico, contribuindo no fomento da ideia e ação em favor da criação dos cursos de Geografia e História.

F: No Departamento, como não havia formalmente a definição de áreas, tipo Geografia, História, Antropologia, Sociologia, e Ciência Política, e mesmo com gente hostilizando, menosprezando e desqualificando gratuitamente uma área do

conhecimento ou outra, e também com os desencontros mais específico entre Geografia e História, conseguimos aglutinar professores mais ligados a Geografia e História, para elaboração em conjunto do Projeto para a Criação dos respectivos cursos. Com a devida modéstia, a bem da verdade, tive uma fortíssima participação na construção do Projeto, que incluía a criação de dois cursos, o de Geografia, e o de História, e éramos muito poucos os professores dessas áreas específicas.

F: A criação dos cursos foi oficializada em 1980 na modalidade de licenciatura, e o início dos mesmos se deu no primeiro semestre letivo de 1981. No caso da Geografia, os professores éramos, eu, Lires Balbi, João Renôr, Lígia, Maria Salomé, Roberto Monteiro e mais algum outro, contratado como substituto, cujo nome não me lembro, e a partir daí se foi tocando implantação curso dentro das condições possíveis, e posteriormente o curso passou também contar com bacharelado, salvo engano no início da década de 1990. Nos dois primeiros anos não participei diretamente das atividades, mas meu envolvimento foi muito grande e intenso com o curso e a Universidade, inclusive em seu processo de democratização, até agosto de 1987 quando me mudei para Uberlândia. Portanto, praticamente se passaram 10 anos desde que cheguei a Manaus com a intenção de viver a cidade por uns dois anos.

F: As professoras Amélia Regina e Adoréa Rabello, mais os professores José Aldemir, José Alberto, Ricardo Nogueira e Manoel Masulo, foram meus alunos, e o Ricardo foi meu orientando e estagiário. Teve também um outro ex-aluno que depois foi professor da Geografia, o Evandro Aguiar. No caso do José Aldemir, ele esteve muito próximo a mim, e hoje tenho bastante proximidade da Amélia. É importante assinalar que estivemos todos juntos na criação da Associação do Geógrafos Brasileiro – AGB, Seção Manaus, cuja homologação aconteceu na Assembleia da AGB durante o V ENG – Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em julho de 1982, na cidade de Porto Alegre.

T: Sim...

F: Quanto ao professor José Aldemir Oliveira, atuamos juntos lado a lado, em outros espaços sociais, profissionais e de demandas socioambientais, lado durante boa parte do tempo que vivi em Manaus.

T: Professor, houve a partir da década de 1980 uma influência Marxista no curso? Com as principais obras do Milton Santos e de outros autores sendo publicadas.

E: Principalmente depois do evento de 1978 em Fortaleza?

F: É, o evento de 1978 foi um marco extraordinário, e eu estava lá em Fortaleza, vivenciando aquele momento muito forte e importante na história da AGB.

F: Sim, o III ENG – Encontro Nacional de Geógrafos aconteceu em Fortaleza. Participei do evento como técnico do CODEAMA, sendo a primeira vez na condição de profissional com apresentação de trabalho. O Encontro constitui-se em uma grande diversa, plural e acalorada discussão em termos da (s) Geografia (s), e organização dos/as profissionais em seu campo de atuação, a partir da AGB. A comunicação “A geografia está em crise. Viva a geografia!”, de Carlos Walter Porto Gonçalves feita no ENG, está publicada no Boletim Paulista de Geografia, número 55, de novembro 1978, o que é bastante ilustrativo do que se vivia quanto a Geografia naquele momento. Em uma passagem do trabalho, o autor se refere aos profissionais da Geografia que “na medida em que hesitam, não reformulando uma base teórica de há muito envelhecida e não assumem, portanto, uma posição crítica, os geógrafos, em geral, deixam de lado a Geografia da Crise e são levados de roldão pela Crise da Geografia”.

Sem dúvida, estiveram também em pauta disputas políticas salutares entre antigos e novos geógrafos em destaque. O Professor Milton Santos que havia retornando recentemente ao Brasil, estava lá com sua já extensa bagagem e história. Parece que à época ele prestava consultoria ao governo do Estado de São Paulo, por intermédio da Profa. Maria Adélia de Souza que tinha vinculações políticas, e era da USP – Universidade de São Paulo, tendo sido docente da Arquitetura e posteriormente da Geografia. Em 1978 já se avançava no processo que levaria ao caminho da “democracia”, que no ano seguinte, em 28 de agosto de 1979 culminou com uma Lei de “Anistia”, contraditoriamente contemplando torturadores do regime militar, e forçando o pretense esquecimento dos crimes da ditadura, incluindo assassinatos.

Entre o ENG de Fortaleza, a Lei da “Anistia”, o fim da Ditadura Militar e advento da chamada “Nova República”, até a “Constituição Cidadã” promulgada em 05 de outubro de 1988, se passaram dez anos, e por mais que possa parecer pouco, tudo foi forjado como fruto de muita luta e persistência.

Em qualquer sociedade a “democracia” constitui-se em uma construção permanente, e portanto sem conclusão, e nunca num estado como o brasileiro, mesmo as conquistas que a duras penas foram inscritas na Constituição de 1988, passados 30 anos, ainda falta muito para torná-las reais e praticadas, uma vez que demandas nela garantidas, em termos dos interesses sociais e populares mais amplos estão distantes da efetivação, fora os retrocessos representados nessas três décadas quando foram promulgadas 108 Emendas constitucionais regulares, sendo que parte delas afetando a desfigurando concepções importantes da Constituição Cidadã, conforme à denominou o Deputado Ulisses Guimarães, Presidente do Congresso Constituinte, no ato de sua promulgação.

Acrescentando algumas reflexões, é importante lembrar que desde o colonizador europeu com seu “descobrimento”, melhor dizendo “invasão”, até chegar aos seguimentos socio culturalmente hegemônicos da atualidade, o Brasil tem sido muito mais do os entendimentos tanto geográficos e históricos, em termos do território e de sua gente, a começar pelos povos primazes do povo brasileiro, os quais vivem no que é o Brasil, a no mínimo 20.000 anos. “Povo Brasileiro”, é a expressão sempre utilizada pelo eminente antropólogo Darcy Ribeiro, a qual deu origem ao nome a uma de suas valiosas obras “O Provo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, inclusive

adaptada para o cinema, e que serve para sintetizar o amalgama que é o Brasil, a partir dos povos indígenas, dos negros vindos escravizado da África e dos brancos, e suas culturas.

Sem sombra de dúvida, desde o III ENG (Fortaleza) em de 1978, quando se vivia a chamada “abertura lenta, gradual e segura” da Ditadura Militar, sob o governo do General Ernesto Geisel, já havia uma efervescência aspirando democracia na sociedade brasileira com o Movimento Diretas Já, que levaria à proposição da Emenda Constitucional pelas eleições diretas par presidente da república (Emenda Constitucional Dante de Oliveira), que 1984, à, a qual foi derrotada na Câmara, pois obteve 298 votos a favor, quando seriam necessários 320, o equivalente a dois terços do total de deputados.

Em 1979 havia acontecido a anistia “geral”, que contemplou torturadores, depois se passou por 1984 com a tentativa de retomar as eleições diretas, e 1985 com a eleição indireta de Tancredo Neves, que faleceu antes da posse e a saída dos militares com o fim da Ditadura em março de 1985. Um grande acordo entre a elite política e os militares levando a presidência José Sarney, o vice de Tancredo Neves. Com isso, somente com a Constituição de 1988 foi restabelecia a eleição direta para presidente, e em 1989 houve pleito nessas condições.

Depois de 21 anos de regime ditatorial, e a saída dos militares de cena política, veio a chamada “Nova República” (ou Sexta República), e registrando o entendimento de que não existe História sem Geografia, e vice-versa, sendo tempo e espaço conteúdo da produção social, o Brasil de certa forma viveu um período de avanço político no processo democrático, destacando as intensas mobilização entre 1987 e 1988, durante a elaboração da nova constituição, com entrada em cena de bandeiras sociais e populares importantes, como a da reforma agrária, dos direitos trabalhistas, dos direitos dos povos indígenas, do sistema de saúde, da descentralização financeira, da assistência social, do direito à educação, do direito à habitação, da reforma urbana, entre outros.

Os anos 2000 e inícios da década de 2010, com governos progressistas, a despeito de questões estruturais não terem sido enfrentadas, tais como distribuição de renda, controle social dos meios de comunicação, justiça fiscal e tributária, incluindo taxaço das grandes fortunas e lucros dos bancos e grandes empresas, trouxeram inegavelmente avanços sociais, econômicos e na cultura política, embora setores das elites endinheiradas, dos rentistas e a “casa grande” guardassem restrições ao avanço dos direitos de oportunidades aos trabalhadores e seguimentos subalternizados leites endinheiras.

O advento dos anos 2010 já apontava claramente um movimento no sentido de barrar o avanço social, passando pelos questionamentos da legitimidade do resultado das eleições presidenciais de 2014, e a exacerbação do esgarçamento da ordem constitucional, desembocando no Golpe Midiático Parlamentar de 2016, e seus desdobramentos, o que redundou em sistemáticas violações a Constituição e fragilização do estado democrático de direito. Assim, chegamos a este ano de 2018, e hoje, véspera do segundo turno da eleição presidencial, vive-se uma polarização assustadora, com disseminação desenfreada de notícias fabricadas e falsas, ao lado de avanços desastrosos de ódios de toda ordem.

A Geografia no meu entender mais e mais se mostra, e isso tem sido muito evidente desde fins dos anos 1970, chegando à atualidade, com arejamentos, e expansão sempre crescente dos debates que tem se sucedido, mais as produções teóricas e empíricas da (s) Geografia (s), com a ampliação e crescente inserção dessa área do conhecimento no desenrolar sociocultural, da vida brasileira. A propósito, lembro a música “O Mundo”, de Paulinho Moska, assim como também do livro “Geografia Ciência da Sociedade”, do renomado geógrafo, Prof. Manuel Correia de Andrade, e destaco que, se o que toca fortemente à Geografia é o conteúdo do espaço, contendo natureza-sociedade, sua constituição é geográfica e conseqüentemente datada em termos históricos.

Agora, isso contém uma História e uma Geografia integrantes do processo de constituição e formação política da sociedade brasileira, o qual entendo que precisa continuar sendo revisitado, dissecado e discutido pelas diversas áreas do conhecimento, buscando ampliar a compreensão dos caminhos e resultados a que temos chegado enquanto sociedade brasileira.

Nesse quadro todo, é importante apontar que entre avanços e retrocessos em sentido amplo, o que propiciou a expansão das universidades públicas, notadamente a rede federal universitária nas últimas décadas, incluindo os institutos federais, não teríamos a ampliação da presença ativas da Geografia nas mesmas, sendo por isso que se tem uma visível forte atuação de nossa área na UFAM, praticando geografias peculiares dentro de contexto socioambientais amazônicos.

F: Bom, comecei falando do III ENG de 1978, percorri meandros, vielas, charcos e clarões, até chegar nesse ponto. Viagens...

T: Beleza. Naquela época que o senhor estava ministrando aula em Manaus tinha muito trabalho de campo? Como é que foi essa relação teoria e prática?

F: Eu lecionei entre outras que não me lembro, Geografia Humana, Geografia Urbana e Geografia Regional. Aí entre essa que tão do trabalho de campo, que no meu entender é muito importante, falo sem arrogância e com tranquilidade sobre o assunto. Eu me empenhei sobremaneira quanto a importância e necessidade do trabalho de campo no Curso de Geografia, buscando primeiramente conseguir aliados entre colegas e a direção do ICHL, e até conseguir apoio e condições mínimas para realizar os primeiros, foi preciso insistentemente dialogar a administração superior da universidade, no sentido de sensibilizar e buscar o atendimento desse necessário pleito, visando aperfeiçoar e enriquecer a formação dos futuros profissionais.

F: O primeiro trabalho de campo fora de Manaus, foi ao Município de Presidente Figueredo, por volta de 1985, e me lembro que Adoréa, que é professora do Curso de Geografia da UFAM participou, e ao chegarmos ao destino sob forte temporal, ela relutou em deixar o ônibus pois não queria pisar no barro todo encharcado, pois não estava acostumada com essa situação, e houve muita brincadeira por conta do ocorrido. Descemos todos e nos hospedamos na casa do indigenista e ativista socioambiental Egidio Schwade, que vive lá até hoje. Armamos nossas redes e

ficamos por dois ou três dias na cidade, cumprindo intensa programação, incluindo visita à Usina Hidroelétrica de Balbina em construção (1985 / 1989), no Rio Uatumã, e pertencente a ELETRONORTE. Lá foi formado extenso lago com lâmina d'água de pouca profundidade, e que inundou uma área em torno 2.360 quilômetros quadrados, sem que a maior parte da vegetação fosse retirada, causando irreparável dano à biodiversidade, além dos graves problemas impingidos aos índios Waimiri-Atroari, inclusive com a perda de suas terras.

T: Sim, conhecemos o Egydio Schwade.

E: Professor, semana retrasada teve uma homenagem a ele na UFAM.

T: O filho dele é formado em Geografia na UFAM e fui aluno dele em 2012/2013.

F: Eu sei disso, e o conheço.

F: Ano passado estive aí em uma viagem sentimental e também para concretizar um sonho, muito incentivado pela Professora Ana Paulina Aguiar Soares, da UEA – Universidade do Estado do Amazonas, e minha amiga muito próxima desde os meus primeiros tempos de Manaus.

E: Me formei na UEA – Universidade do Estado do Amazonas, fui seu aluno e sou próximo dela.

F: Ela é formada em Serviço Social, depois caminhou na direção da Geografia, tendo feito mestrado na USP – Universidade de São Paulo, e doutorado na França.

E: T: Sim, cursou doutorado na França!

F: Pois é, ano passado, em fins de julho e inícios de agosto, fizemos juntos, com uma amiga do Rio de Janeiro e um professor da Geografia, que atua na UFPR – Universidade Federal do Paraná, uma viagem navegando uns 2000 km pelo Rio Negro, desde Manaus a São Gabriel da Cachoeira, ida e volta, com várias paradas, emoções e adrenalinas...

T: Olha...

T: Conheço a Professora Ana Paulina.

E: O Thiago é orientando do Professor Ricardo, e eu sou orientando do professor José Aldemir, e temos o nosso outro amigo que está responsável conosco, por esta entrevista, ele foi orientando do Masulo na graduação. Desta forma, estamos todos muito próximos.

F: Lembrando que tivemos então, o primeiro trabalho de campo fora da cidade de Manaus, em Presidente Figueiredo, e depois, entre outros trabalhos de campo, fomos a Maués e Novo Airão.

F: Lembro que no trabalho de campo em Novo Airão contamos com a importante colaboração de Doralice Sátiro, que era professora substituta à época.

No caso de Maués, éramos um grupo pequeno, e fomos de barco e pudemos até retornar de avião para Manaus.

Para a realização dos trabalhos de campo tudo era conseguido devido a insistência e negociações, depois de muitas gestões em cada caso, e sempre com a necessidade de novos entendimentos e negociações.

Registre-se que os trabalhos de campo que organizei foram realizados mediante projeto, com objetivos, metodologia, programação, fase preparatória, avaliação, relatórios, caderneta de campo, informações sobre a realidade onde desenvolveríamos as atividades, etc. Ainda um registro que considero importante é que não havia por parte do conjunto dos professores e professoras, um movimento no sentido da institucionalização do trabalho de campo, tal como era o caso do curso de Geologia, embora a realidade desde curso tenha sido muito distinta da Geografia. Àquela época a temática da geologia estava em alta, e houve muito recuso financeiros carreado para aquele curso.

T: Nossa!

F: O mais importante é que naquele momento conseguimos lançar um embrião sobre a importância e papel do trabalho de campo na formação em Geografia, e influenciar para que um ou outro professor buscasse também fazer algum trabalho de campo naquela época.

T: Sim.

F: Depois, no segundo semestre de 1987, quando eu já havia saído de Manaus, houve até uma publicação no Jornal A Crítica, com matéria assinada por alunos o trabalho de campo realizado em Novo Airão no mês de agosto de 1987. Salvo engano o Ricardo Nogueira e o Manoel Masulo, estão entre os signatários.

E: Você lembra o mês em que essa matéria saiu no Jornal A Crítica?

F: Não me lembro, mas o Ricardo e Masulo devem saber, e mesmo ter o material.

T: Sim

F: No caso do trabalho em Novo Airão, todas as equipes organizadas para o desenvolvimento das atividades produziram trabalho por escrito, e fazem muitos anos encontrei em meus arquivos alguns desses trabalhos e cheguei a mandar para a UFAM, e tinha um trabalho do qual participou o Evandro, que depois passou a integrar o quadro de professores da Geografia, na de Geografia Física.

E: Ah, ele saiu da UFAM.

T: Sim...

F: Fizemos também algum outro trabalho em Manaus, e me vem vagamente à memória um que realizamos na Cidade Nova, inclusive com filmagens. Esse bairro surgiu entre 1979 e 1980, durante a administração estadual do governador José Lindoso, a partir de um conjunto habitacional construído muito distante da área central, deixando para trás muitos vazios demográficos.

Estou lembrando também de uma outra atividade que realizamos, e eu coordenei, que foi um seminário de avaliação sobre os primeiros anos do Curso de Geografia, e salve engano ainda tenho algum material sobre isso em meus arquivos na universidade. Na época do seminário eram discentes, esses hoje professores citados que tiveram muita relação comigo.

E: É que foi mais ou menos a época que os nossos professores fizeram a graduação, então deve ter sido por aí mesmo.

F: Sim, todos foram contemporâneos. José Aldemir, Manoel Masulo, Ricardo, Alberto, Adoréa e Evandro. Já a Amélia Regina veio um pouco depois, e se não me engano formou-se no ano que deixei Manaus, 1987.

F: Exceto o Evandro, com o qual não tinha maior relacionamento, mas desses, de alguma forma nunca perdi o contato. No caso do José Aldemir, e faz muito tempo que nós não falamos, ele vinha UFU – Universidade Federal de Uberlândia, de vez em quando por conta de parceria em trabalho da Geografia aqui. Logo que estava chegando a UFU, me parece que no primeiro semestre de 1988, tive um projeto de extensão sobre a Amazônia no contexto brasileiro, e em função de minha ligação os colegas da UFAM, trouxemos José Aldemir para participar, uma vez que entendo que é importante chamar os colegas do Norte para falar em eventos no Sudeste, e não só

o contrário. Isso para apresentarem seus trabalhos, experiências e práticas geográficas.

T: Professor, nesse momento dos anos 1980, havia o incentivo à pesquisa e estudos regionais?

E: Público ou privado, na Universidade?

T: Como é que funcionava isso? Ou só formava para o mercado de trabalho?

F: Não existia praticamente nada nesse sentido. Não existia amparo a pesquisa em nível estadual, e poucos e limitados eram os editais do governo federal, os quais canalizados para áreas específicas, como caso que já citei, da geologia dada a importância da prospecção e exploração mineral.

T: O Projeto RADAM?

F: O Projeto RADAM (Radar da Amazônia – 1970 / 1975, é antecedente, mas de qualquer forma pela percepção da época, entendo que havia recursos, e o pessoal da Geologia saía com muita frequência para o campo. Por outro lado, é importante citar que os docentes da Geologia colaboravam com o Curso de Geografia assumindo disciplinas da Geografia Física mais ligadas à sua área.

T: Sim.

F: Agora eu quero contar a vocês uma história. Logo no início do primeiro período do governo do Lula, ele lançou o “Projeto Rondon Lição de Vida e Cidadania”, que não tem nada a ver com o antigo Projeto Rondon, do tempo da ditadura militar, que veio a se constituir em uma Fundação, foi extinto no governo Sarney. O Professor José Aldemir de Oliveira, no tempo da graduação trabalhava na Fundação em Manaus. Eu participei pela UFU, da primeira grande atividade o “Projeto Rondon Lição de Vida e Cidadania”, a qual foi denominada Operação Amazonas” e aconteceu exclusivamente em diversos municípios do Estado do Amazonas, e nós da UFU, assim como outras equipes atuamos em Tefé - AM.

T: Em qual ano?

F: Em janeiro de 2005, sendo essa primeira operação aconteceu somente em municípios do Estado do Amazonas. O presidente Lula inclusive ia encontrar todas as equipes na cidade de Benjamin Constant, não sei porque isso não aconteceu. De qualquer forma estive com alunos por duas semanas em Tefé, e depois participei de

mais duas operações, Operação Centro Norte, em Sítio D'abadia – GO (janeiro de 2009), e Operação Nordeste Sul, em Serra Redonda – PB (julho de 2009).

F: Como disse, participei da Operação Amazonas, do Projeto Rondon Lição de Vida e Cidadania, tendo atuado em Tefé, juntamente com dois outros professores da UFU e alunos, e dos significativo trabalhos e atividades que lá desenvolvemos foi a “Oficina de Desenho Urbano: Tefé, Pensando a Cidade e o Urbano”, realizada em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Tefé, tendo acontecido na Escola Estadual Frei André, em 25 de janeiro de 2005, à noite.

O objetivo da atividade foi o de pensar e desenhar sobre “o lugar que se vive, o que se gostaria de viver. A metodologia utilizada na atividade já vinha sendo desenvolvida em projeto na mesma linha na UFU, inclusive com a edição do livro “Oficina de Desenho Urbano: Desenhando e Construindo a Cidade no Cerrado” Compareceram cerca de 50 pessoas, com idades variando entre 8 e 42 anos. A partir da consigna, “a cidade que se tem, e a cidade que se gostaria de construir”, foram feitos em folha A4 com caneta Bic preta e ponta grossa, 43 desenhos, sem preocupação técnica, com a proposta de através da linguagem do ponto e traço expressar a percepção /sentimento, sobre o lugar em que se vive. Como desdobramento, os desenhos foram sendo passados para outros/as desenhadores/as, e houve em grupo, “conversas” com os desenhos para saber sobre o que eles expressavam. Com certeza surgiram daqueles desenhos, que lá permaneceram, muitas indicações sobre a realidade da cidade e do município, e proposições para muitas questões que afetavam a vida do/as participantes, assim como proposições e sonhos em favor de toda população local. Foi extremamente gratificante partilhar tal experiência com aquela gente fazedora da cidade de Tefé, e do planeta água, que são o Amazonas e a Amazônia. Uma vivência, tão rica em humanidade e lição de vida, a qual constou do relatório que apresentamos a Coordenação do Projeto Rondon – Lição de Vida e Cidadania, após o término da Operação.

E: Então professor, indo adiante, pergunto, durante o tempo que você teve aqui no curso né, você.... Aliás, o que você pode falar dos 7 (1981/1987) anos que atuou como professor no Curso de Geografia da UFAM? Teve muitas mudanças desde o seu ano de entrada até o seu ano de saída? Como é que você percebeu isso?

F: Antes eu queria fazer uma observação importante. Fomentei e animei com muito entusiasmo o processo que culminou com a criação da AGB Manaus, inclusive sem nenhuma aspiração de ser seu diretor. Trabalhamos juntos, eu o José Aldemir e demais interessados, à época alunos/as, praticamente os/as professores/as do Curso de Geografia da UFAM, que me são mais próximos/as. Se não me engano, o primeiro diretor da AGB Manaus, chamava-se Delfim, um senhor que era aluno do Curso de Geografia. Não me lembro o nome dos demais componentes dessa diretoria, mas é possível que o Ricardo e o Masulo lembrem. Rememorando, a Seção Manaus, da AGB, surgiu no primeiro semestre de 1982, embora o movimento e discussões em prol de sua fundação sejam anteriores. Na Assembleia Geral da AGB, durante o V ENG realizado em Porto Alegre, no mês de julho de 1982, foi homologada a criação da AGB Manaus.

Ainda no referido ENG, a eleição para a direção nacional da AGB foi muito difícil, pois no meu entender houve uma tensão entre dois entendimentos quanto a condução da entidade. Um, que propugnava por uma diretoria composta majoritariamente por nomes já consolidados e conhecidos profissionalmente, e outro que apontava para a formação de uma chapa mesclada, levando em conta o acontecer da entidade desde os III (1978) e IV (1980) ENGs, acontecidos respectivamente em Fortaleza e Rio de Janeiro. Sem avanço nesse quadro, foi eleita presidenta da AGB Nacional, para o período 1982/1984, a Professora Sheila Bitencourt Salek Spada (UFF), e vice-presidente, o professor Janildo Chaves Albuquerque (Recife).

Colaborei com essa gestão como membro da direção ampliada, atuando na Comissão de Assuntos Profissionais, em articulação com o Sistema CONFEA / CREA's, sendo que a coordenação da mesma coube ao Professor Janildo. O trabalho desenvolvido à época foi muito importante uma vez que se conseguiu no mínimo uma razoável interlocução no âmbito Sistema, e a AGB conseguiu ter visibilidade e respeitabilidade no período, e também no subsequente.

Embora mais distante no momento, para mim, a AGB, sua organização e eventos, constitui-se em importantíssimo espaço e instrumento de difusão da Geografia, defesa da atuação dos geógrafos e do posicionamento diante das questões socioambientais nacionais regionais estaduais e locais.

T: Professor, naquele momento da criação da AGB (1982, AG da AGB nacional em Porto Alegre – ENG), ali na década de 1980 teve algum engajamento?

E: Você percebeu mudança dentre quando você entrou, e quando saiu da Geografia, na antiga UA?

F: Não percebi, embora eu tenha atuado na Universidade por quase 10 anos (março de 1978 / agosto de 1987) o Curso de Geografia só foi iniciado em 1981, portanto só vivenciei seus primeiros anos. De qualquer forma, minha percepção era de que a Geografia teria uma perspectiva muito alvissareira, e que entre o pessoal que estava se formando havia gente muito interessada em se dedicar firmemente a prática, estudo e aperfeiçoamento profissional em Geografia.

F: Quero assinalar, que continuo tendo relação próxima com a Professora Amélia, e os professores José Aldemir, Ricardo e Masulo, e também a Professora Adoréa, embora menos próxima, todas e todos, do Curso de Geografia da UFAM, assim como da Professora Ana Paulina do Curso de Geografia a UEA – Universidade do Estado do Amazonas. Todas e todos, pessoas sobre as quais tenho o maior respeito e consideração profissional, bem como as considero, como parte do meu círculo de amizades.

T: Professor, na década de 1980, tempo em que a AGB Seção Manaus iniciava sua atuação, teve algum engajamento social, alguma luta que vocês travaram naquele

momento? Porque me contaram que teve a greve do distrito parece que teve uma participação do pessoal da Geografia, etc. Como é que foi aquele momento ali? E foram os anos finais da ditadura militar.

F: Sim houve alguma participação de alunos da Geografia e da própria AGB, emprestando seu nome, em apoio uma grande movimentação da oposição sindical dos metalúrgicos de Manaus, cuja atuação mais forte se dava no Distrito Industrial. Foi um momento de retomada do sindicalismo combativo, frente ao de resultados e pelego. Como enquanto docentes já havíamos fundado em 1979 a ADUA – Associação dos Docentes da Universidade do Amazonas, tínhamos alguma estrutura organizacional, e isso facilitou para que vários de nós professores, eu inclusive apoiássemos a luta dos trabalhadores que atuavam na oposição sindical metalúrgica movimento este liderado pelo operário Ricardo Moraes que coordenou a Pastoral Operária de Manaus de 1980 a 1983, foi a liderança que esteve à frente do movimento, tendo sido eleito em 1984 presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, e em 1986 tornou-se presidente estadual da CUT Central Única dos Trabalhadores, (CUT) amazonense. Destaco que o momento da eleição sindical foi muito importante no contexto das lutas sociais e populares em Manaus naquele momento. Ele foi também candidato a vereador por Manaus em 1988, mas não logrou ser eleito, mas em 1990 se elegeu deputado federal pelo PT Amazonas, e só exerceu um mandato (1991/1994).

F: Quero assinalar que além de ter participado do movimento em prol da transformação da antiga APPM – Associação profissional dos Professores de Manaus, em Sindicato dos Professores de Manaus, fui um dos fundadores da APPAM, Associação dos Professores do Amazonas, bem como também fui um dos fundadores e atuei na AMAPAM - Associação Amazonense de Proteção Ambiental, na primeira metade dos anos 1980, quando do grande movimento nacional e internacional em defesa da Amazônia. A AGB Manaus à época esteve junta, nas atividades da AMAPAM, em defesa da Amazônia.

E: Então professor, vamos finalizar, e você pode fazer uma consideração final, você pode falar diretamente com os seus, hoje colegas antigos alunos daqui do departamento, eles vão ter acesso à essa entrevista depois que a gente fizer todas as edições, revisões.

F: Me dirijo aos colegas do Departamento de Geografia da UFAM, em especial as colega e aos colegas que foram discentes à época em que fui professor do Curso, e hoje considero amigas e amigos, dizendo que tenho muito orgulho de suas atuações e fazeres geográficos, como docentes de uma importante e pujante universidade da Amazônia e do Brasil, dando contribuições para que a Geografia em suas multiplicidades de abordagens, possa contribuir para que os brasis dentro do Brasil possam ultrapassar limitações e melhor compreender a grandeza e verdadeiro

significado dos “povos ribeirinhos e da floresta”, na constituição socioambiental do “povo brasileiro”.

E: Então você pode fazer uma consideração final.

F: Quero agradecer a vocês, Thiago e Eduardo, pela oportunidade, paciência e carinho, contando um pouco da minha história e vivência presença no Curso de Geografia e na vida de Manaus, concretizada nesse rico dialogo. Parabens vocês, uma vez que aprecio ver gente jovem assim, tomando a frente, buscando orientações e ao mesmo tempo pleiteando, batalhando para ter o seu caminho próprio, sua trilha e vereda. O melhor orientado, o melhor orientador, é aquele, aquela que consegue auxiliar e incentivar o(a) orientando(a) na cartografia do caminhar no aprendizado, lhe dando força e contribuindo em sua energia no aprender e fazer geográfico.

Precisamos superar o entendimento equivocado de que uns devem produzir conhecimentos, e outros reproduzi-los. É preciso mais e mais profissionais da Geografia dispostos, a tecer criativamente, com autonomia, coragem, diligência e dedicação conhecimentos geográficos na perspectiva da contribuição no equacionamento das questões de interesse do povo brasileiro, levando em consideração as especificidades culturais e socioambientais locais, regionais e nacionais. Assim, necessário se faz entender que o acontecer da Geografia para poder avançar em suas possibilidades enquanto conhecimento, precisa contemplar diversidade de linhas teórico metodológicas, independente da visão e compreensão de uma dada realidade.

Não quero com isso separar o trabalho do profissional da Geografia, da totalidade do mundo em que vive, com falsa ideia de “neutralidade”. O que destaco é a importância do cuidado com o que se está estudando, pesquisando, trabalhando, para se poder melhor fazer as necessárias apreciações sobre o que se quer apreender.

Assinalo que tenho muito orgulho de ter integrado o quadro docente da UFAM, e podido contribuir com a criação, e primeiros anos de existência Curso de Geografia, e aproveito para parabenizar todo seu pessoal, docentes e técnicos, desde os mais antigos aos mais novos, e aos discentes que contribuem na construção e edificação dessa instituição, uma das mais importantes universidades da Amazônia, e que precisa ser escutada a respeito não só das questões regionais e amazônicas, mas também do Brasil como um todo. Se o poeta diz que “minas é muitas”, eu digo, a Amazônia é muitíssima, dadas sua grandeza territorial e multiplicidades socioambientais.

Antes de finalizar, sou imensamente grato pela oportunidade que a vida me proporcionou, de viver por quase dez anos, um pouquinho de um pedacinho da Amazônia brasileira, pois para ser verdadeiramente brasileiro é preciso saber minimamente sobre essa imensidão socio territorial que constitui praticamente sessenta por cento do Brasil. Isso é muito importante no meu entendimento, se queremos a cidadania para toda gente brasileira precisamos superar o que dizia a década atrás, o jornalista, sociólogo, jornalista, professor e escritor Lúcio Flávio Pinto (único brasileiro incluído na lista dos cem jornalistas mais importantes do mundo da

ONG Repórteres sem Fronteiras), que “a Amazônia é um imenso almoxarifado, de onde tudo se retira e nada se coloca”.

F: Por toda a história que aí vivi, me auto declaro por afinidade e com alegria, manauara, amazonense e amazônida.

T: Professor agradecemos muito o senhor pela sua disponibilidade e quando o senhor vier a Manaus ente em contato, para organizarmos um evento, poderemos receber o senhor. Tá bom? Muito obrigado.

F: Quero assinalar uma grande satisfação e alegria por meu filho ter se formado bacharel e licenciado em Geografia na Universidade que trabalho, e meu sobrinho mais novo ter se licenciado em Geografia na Universidade Federal Fluminense, onde me formei. Isso é uma honra para mim.

F: Um grande abraço, boa tarde, e muito obrigado pela oportunidade dessa entrevista.

F: Finalizando deixo aqui, como gratidão por tudo que vivi, aprendi, sorvi e internalizei no Amazonas, me tornando por assim, mais brasileiro, um belo poema do querido jornalista e escritor amazonense Aldisio Filgueiras, que também é autor juntamente com Torrinho (Zeca Torres), da belíssima, popular e antológica musica Porto de Lenha, a qual muitos consideram um hino sobre a Manaus.

*“Sim existe uma cidade em nós.
Uma cidade tão singular
que se realiza apenas
no plural: Manaos- Manaus.”*

Manaus as muitas cidades – página 47, Edição do Autor, Manaus, 1994.